

## PLURIDIMENSIONALIDADE DA METÁFORA\*

Maria Thereza de Queiroz Guimarães STRÔNGOLI (*Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo*)

*ABSTRACT: The purpose of this paper is to examine the subjective and objective particularities that, in the enunciative process, motivate the passage from the sensitive to the intelligible, and to discuss whether a logical structure indicating the pluridimensionality of the creative process of the metaphor may be discerned in this motivation. To do this, the research centers on the hermeneutics and proceeds to the interaction of the language sciences (the cognitive approaches of P. Ricoeur and M. Black) with the image sciences (the anthropology of G. Durand). The study confirms the existence of dimensions in the creation of the metaphor and, based on the etymology of the word "metaphor," describes the context of its use.*

O sentido metafórico resulta da conciliação de dois pólos: o subjetivo, presentificado no processo enunciativo, e o objetivo, constituído da materialidade da língua. Essa conciliação ocorre através da experiência perceptiva que realiza a transformação do concreto, e seus componentes espaciais, em abstrato, instaurando o pensamento metafórico.

Para se compreender a passagem do sensível para o inteligível, recorre-se à hermenêutica, porque esta constitui-se de atos de interpretação norteados por estratégias cognitivas que se regulam, ao mesmo tempo, pela lógica fundada na objetividade e pela intuição nascida das experiências subjetivas.

Propõe-se neste artigo descrever as particularidades subjetivas e objetivas que motivam esse movimento de passagem e indagar se nesta motivação pode se distinguir uma estrutura lógica que pontue a pluridimensionalidade da criação metafórica.

Para a análise, utiliza-se da hermenêutica tal como é praticada nas ciências que estudam a linguagem e nas que explicam o imaginário. Dentre as primeiras, privilegia-se a abordagem cognitivista de Paul

\* Este trabalho foi apresentado no simpósio

Ricoeur e de Max Black, dentre as segundas, a antropologia do imaginário de Gilbert Durand e de seus discípulos.

A escolha dessas abordagens deve-se ao fato de as operações cognitivas se manifestarem, sobretudo, em linguagens e estas, por sua vez, resultarem da criação e da dinamização de imagens. Tal fato motiva a buscar a explicitação da pluridimensionalidade da metáfora na interação desses dois campos, e a destacar o exame das noções de *imagem*, de *imaginação* e de *imaginário* relacionadas às de *palavra*, de *enunciado* e de *enunciação*.

A *imagem* constitui uma entidade cuja categoria é muito especial: apresenta-se ora sob o aspecto material (reflexo ou reprodução de aparências e criações plásticas ou eletrônicas), ora sob o aspecto psíquico (efeito de processos perceptivos, cognitivos ou de memória). A imagem se coloca, portanto, entre o concreto e o abstrato, entre o real e o pensado, entre o sensível e o inteligível. Além disso, é uma entidade incompleta e imperfeita, porque é simplesmente significante e não a realidade que simboliza, e tem um sentido sempre provisório e ambíguo, porque nunca está presa a um único tempo, a um só espaço ou a uma única realidade, razão pela qual se apresenta constantemente estruturável, estruturante e estruturada a outras em busca da desejada, mas não alcançável, unicidade semântica.

Se na antropologia do imaginário as imagens funcionam como símbolos gerais, entendidos como a conjugação de um sentido e de uma imagem, ou seja, de um aspecto vivido (no qual se manifesta o sentido) e de um componente espacial (no qual se manifesta a imagem), nas ciências da linguagem, as imagens se particularizam como *palavras*, isto é, como a conjugação de um significado e de um significante lingüístico, também com a função de revelar um aspecto vivido (no qual se engendra o sentido) e um componente espacial (no qual se estrutura o texto) para cumprir sua função de agente da comunicação.

Tome-se, como exemplo, a conhecida frase de Pascal: “*o homem não é senão um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante*”. As imagens/palavras *homem*, *caniço*, *fraco* e *pensante* são imperfeitas, pois, por mais que sejam explicitadas, sempre serão incompletas em relação à realidade concreta do mundo que representam, assim como serão sempre transitórias em relação à sua compreensão no tempo ou no espaço, possibilitando a qualquer indivíduo articular-lhes as

mais diversas imagens. Esta capacidade de dinamização da imagem possibilita-lhe reproduzir e interiorizar qualquer realidade, tornando-a, como afirma G. Durand, a matriz do pensamento racionalizado.

Do ponto de vista da antropologia durandiana, portanto, a imagem se destaca por sua transcendência e é sob este aspecto que deve ser relacionada à metáfora, pois esta, segundo as ciências da linguagem, é, por sua própria natureza, transcendente. Por esta razão, P. Ricoeur afirma que o sentido na metáfora apresenta-se dividido em elementos heterogêneos, nos quais o enunciador vai procurar as similitudes, e Max Black assegura que a metáfora é um sistema complexo, porque permite que vários sentidos se embriquem nele.

A primeira dimensão da estrutura lógica da metáfora, segundo estas reflexões, será a natureza ambígua, transitória, estruturável e estruturante da imagem, considerada tanto sob o aspecto material (o sensível) como o psíquico (o inteligível).

A *imaginação*, segundo a antropologia durandiana, é a faculdade que o indivíduo tem de perceber os fatos do mundo e de transformá-los em imagens; é o poder que lhe permite sair do senso comum e ascender ao transcendental. Esta habilidade de perceber, apreender, reproduzir e recriar imagens, combinando-as entre si fenomenologicamente, constitui a própria *experiência da consciência*, como afirma Hegel, e permite ao homem colocar-se fora do tempo e do espaço.

A imaginação se dinamiza para exercer três funções: a primeira é a eufemizante, porque sua ação minimiza a ausência de conhecimento e os mistérios do mundo; a segunda é a equilibradora do psiquismo social, posto que os produtos culturais que cria promovem a união entre os homens e impedem a doença mental; a terceira é a teofânica, pois sua atividade permite a emergência do espiritual.

Tais funções se realizam através da articulação das imagens em dois pólos: o dos dados objetivos e concretos, no qual há a reprodução direta das imagens patentes e institucionalizadas pela cultura; e o da imaterialidade dos desejos e das intuições difusas e informes, cujas manifestações ocorrem através da reprodução indireta.

Convém notar, entretanto, que esses pólos não têm autonomia: o latente é o elemento desencadeador do patente, porque são os anseios que

promovem os processos institucionalizadores e transformam o desejado em realidade; o patente, por sua vez, torna-se a base motivadora do latente, porque o desejo, tornado realidade, abre perspectivas para a criação de outros desejos ou para a visualização de novas realidades. A dinâmica dessa circularidade entre o subjetivo e o objetivo evidencia que a imaginação é a responsável pelo processo desencadeador da racionalidade do homem e se constitui no fator primordial de seu relacionamento com o mundo.

Ora, a criação de metáforas é o exercício dessa circularidade, é a habilidade de se prever realidades bipolares e de se conservar a perspectiva de um dos pólos enquanto se presentifica o outro. Ao se pensar em o *homem é um caniço*, por exemplo, estão presentes, na mente, tanto a primeira como a segunda imagem, e a reflexão sobre o sentido denotativo de uma delas motiva a presentificação do sentido denotativo da outra, facilitando o estabelecimento de suas diferenças que serão, por sua vez, a motivação para se pensar em possíveis similitudes.

Na construção ou na compreensão de metáforas a imaginação será, então, a habilidade de o indivíduo reconhecer os fatos que pertencem a uma determinada categoria como apropriados a outra categoria sem, como afirma P. Ricoeur (1992:150) “*eliminar as diferenças, mas apesar e através dessas mesmas diferenças*”.

A segunda dimensão da estrutura lógica da metáfora está, portanto, na reunião dos contrários - diferenças e similitudes - resultante da circulação pelos dois pólos: o da objetividade, manifestado no sentido denotativo, ou seja, no patente; e o da subjetividade, revelado no sentido conotativo, portanto, no latente.

O *imaginário* é o modo particular ao indivíduo de operacionalizar a faculdade da imaginação, de pô-la em prática, articulando e configurando imagens nos dois pólos. Tal modo particular se manifesta diversamente de um indivíduo para outro ou mesmo no próprio indivíduo, devido, como afirma G. Durand, às diferenças nascidas dos imperativos de seu biologismo, de seu psiquismo e de suas pulsões, assim como das intimações de seu meio social.

Voltando à frase de Pascal, observa-se que a imaginação faculta presentificar imagens para revestirem os dois pólos, *homem e caniço*, mas é o imaginário que constrói a interação tensional nascida de suas

diferenças e similitudes, dando-lhes contornos e dimensões semânticos específicos. Assim, diante dessas imagens, o indivíduo vai articular outras em função de seus imperativos subjetivos (idade, gênero, temperamento e pulsões) e de suas intimações objetivas (função e contexto sociais).

As funções e contexto sociais de um indivíduo podem motivá-lo, por exemplo, a articular a *homem* imagens de um ser masculino, adulto, vigoroso e ativo que, confrontadas com as articuladas por outro indivíduo, em função ou contexto social diferente, evidenciam configurações que certamente darão à imagem de *fraco* ou de *pensante* matizes bem diferentes, criando, do ponto de vista da subjetividade, sentimentos diversos que podem conotar pesar ou revolta, satisfação ou orgulho, e revelar acentos positivo ou negativo para um ou outro pólo semântico.

A terceira dimensão da metáfora encontra-se nessa dinâmica do imaginário: a da afetividade, no plano subjetivo, e a da pragmática, no plano objetivo. Tais dimensões se manifestam em qualquer forma de expressão metafórica: literária, plástica, moral ou filosófica.

Reconhece-se, assim, que é na complexidade desses processos, isto é, na dinamização das imagens através de sua presentificação na imaginação ou de sua circularidade no imaginário, que se originam os procedimentos de construção do pensamento metafórico. Observa-se, ainda, que as dimensões que norteiam sua estrutura lógica dinamizam-se à semelhança das que correspondem aos três sistemas de imagens descritos por J.-J. Wunenburger (1997): a) o que faz *conhecer* a realidade através de sua *re-produção* objetiva; b) o que faz *compreender* seus fatos para, através do processo de combinação, lhes atribuir valor; c) o que permite *explicar* tais fatos, através do *insight* da criação de uma nova postura diante deles, de uma ideologia ou de uma teoria nascida deles.

Ora, esses sistemas pontuam a afirmação de P. Ricoeur (1992:145) sobre o fato de, para se reconhecer a metáfora e penetrar em sua estrutura lógica, ser necessário atentar para sua referência objetiva, compreendê-la como dividida devido a deslocamentos de sentido, assim como explicá-la como criadora de *informação intraduzível e, ao mesmo tempo* [capaz de] *propor um verdadeiro insight da realidade*.

Assim, na frase de Pascal, por exemplo, para se entender a metáfora é necessário ir da imagem *homem* para a imagem *caniço*, configurar suas especificações, *fraco* e *pensante*, examinar suas similitudes (seres vivos) e

suas diferenças (humano e vegetal) e, por causa delas, chegar a distinguir as tensões criadas por suas referências divididas e articular-lhes um sem número de imagens relativas a: vida e morte, consciência e inconsciência, prazer e dor, entre outras.

A compreensão de tal estrutura implica, portanto, uma atividade cognitiva complexa, operacionalizada pelo imaginário em um sentido pluridimensional que implica também pluriespacialidade e atemporalidade, posto que a imaginação não se prende a tempo ou a espaço, como já se viu. Esta complexidade se acentua quando a metáfora se configura em termos de adequação aos vários códigos nos quais se manifesta: lingüístico, icônico, gestual, musical, arquitetônico ou outros. Desse ponto de vista, ou seja, pensada e dinamizada como imagem e processada como *insight*, a metáfora se revela também como uma das faces da matriz do pensamento racionalizado.

A hermenêutica do pensamento metafórico, em termos de interação da linguagem com o imaginário, explica-se mais facilmente através do exame da etimologia da palavra *metáfora*. A origem dessa palavra é o grego *metapherò* que significa *eu transporto*. Se considerarmos esse significado etimológico como ponto de partida para se entender o deslocamento de sentido promovido pelas várias articulações a que se submetem as imagens presentificadas no processo metafórico, reconhece-se que no semantismo da palavra metáfora mobilizam-se estruturas das seguintes imagens: espaço, tempo, agente, ação e objeto.

Do ponto de vista das estruturas do *espaço*, observa-se que o transporte ou a transposição de sentidos na metáfora se realiza em um espaço particular da linguagem: o do discurso. A embreagem dos dêiticos eu/aqui/agora dão ao discurso um caráter de evento, tanto no plano lingüístico como no plano do imaginário, evento que se caracteriza pela transformação, primeiro, de imagens em palavras que, por sua vez, se articulam, depois, em estruturas para presentificar idéias no espaço textual de seu discurso.

O discurso enunciado resulta da interação ou da articulação das imagens entre si e com os objetos e fatos do mundo exterior, pressupostamente precedido de uma espécie de discurso interiorizado que, segundo M. Bakhtin, substitui a noção de *consciência* e preside todas as atividades. O que importa destacar é que o discurso é o lugar da interação do pessoal e do social, é o lugar privilegiado para a constante

dinamização da subjetividade dos imperativos bio-psíquico-pulsionais do indivíduo, e sua interação com a objetividade das intimações de seu meio social.

Assim, a metáfora deve ser examinada não por uma lingüística da língua, cuja unidade é o signo fonológico ou léxico, mas pela lingüística do discurso, espaço das estruturas do social e das tensões do individual, lingüística cuja unidade é o texto, focalizado do ponto de vista do cognitivismo e da pragmática.

Com relação ao *tempo*, devido à metáfora somente se efetivar no evento discursivo, sua manifestação ocorre, como afirma M. Black, em um tempo determinado, o do presente, aquele preciso da enunciação, do momento do *insight* da violação do sentido por transgressão de espaço semântico. É fácil reconhecer, seguindo as indicações de E. Benveniste, que os signos da língua ou da linguagem, remetendo somente a outros signos, não evidenciam o espaço, o tempo ou a subjetividade existentes no mundo, ao contrário, desligam-se deles e se fecham em seu sistema, pontuando a artificialidade e o distanciamento da condição de comunicação. No discurso, os dêiticos e os aspectos do verbo, permitindo reconhecer a passagem do tempo, apontam na construção das metáforas a importância do fator instantaneidade ou do *insight* na captação das articulações e de seus desvios de significados.

Com relação ao *agente*, nota-se, do ponto de vista lingüístico, que a criação ou o reconhecimento de metáforas implicam sempre um *agente enunciador* e seu respectivo *co-enunciador*, ou seja, a reversibilidade do *eu* e do *tu*, as pessoas do discurso, referidas por E. Benveniste, como as responsáveis pelo evento do enunciado. No caso da enunciação metafórica, convém destacar que essas pessoas necessitam de uma competência específica. M. Black (1984:24-5 e 35), apesar de não explicitar essa questão, emprega expressões como *ouvinte competente e apreensão adequada* ao descrever os processos de identificação das metáforas, além de citar estudiosos (Beardsley e Loewenberg) que se preocuparam em estudar as *condições necessárias* ou os *critérios de diagnose* que facilitam essa apreensão adequada.

O agente do transporte dos sentidos, do ponto de vista do imaginário, também é imprescindível para a criação ou o reconhecimento da metáfora, pois o indivíduo, ao se defrontar com uma expressão metafórica, somente se torna agente percebedor de sua mensagem se

dinamizar, ou embrear, suas estruturas do imaginário. Nesse caso, pode-se estabelecer a seguinte relação: o agente no plano da imaginação (faculdade) está para a linguagem metafórica, assim como o agente no plano do imaginário (operacionalização) está para o discurso metafórico.

Do ponto de vista da *ação*, criar ou reconhecer metáforas é necessariamente uma atividade cognitiva, na qual o enunciador e o enunciatário fazem o circuito da memória conceptual para a episódica e vice-versa, e nesses movimentos fazem aflorar, além dos valores cognitivos, também os emotivos e os descritivos, constituindo o que M. Black ou P. Ricoeur chamam de *gramática lógica* da metáfora.

Essa gramática confirma que a ação criativa de metáforas não é simplesmente deslocamento e substituição de sentidos, ou violação de regras semânticas, mas interação desses sentidos e, acima de tudo, criação de tensão entre eles. P. Ricoeur afirma que imaginação é *epoché* e emprega essa palavra com o significado de interrupção, de apagamento de alguns dos sentidos do todo das coisas. Assim, a imaginação configura a presença de um dado objeto do mundo, mas não de todos os seus aspectos, instalando, portanto, uma ausência. Creio que essa ausência é uma das responsáveis pela atividade do imaginário, pois este tem como função articular as ambigüidades e dimensionar ou eufemizar o caos, resultante da dispersão e do apagamento das imagens, através, no plano lingüístico, da criação do discurso.

Para se compreender o *objeto* da metáfora, pensa-se no que M. Black (1984:26) chama de *focus*, ou seja, “*a palavra ou a expressão saliente, cuja ocorrência no quadro literário dá à expressão a força metafórica*”. O objeto da metáfora é, por conseguinte, a parte significativa da palavra, parte que se destaca para dar, ao ser deslocada, à palavra empregada em seu sentido próprio, o aspecto particular desejado, a complementação interacional e tensional que cria o novo sentido.

M. Black classifica as metáforas, segundo a constituição de seu objeto/foco, como fortes ou fracas. São fortes aquelas que não permitem substituição ou variação de suas palavras para não enfraquecerem ou alterarem o foco de seu contexto. Elas exigem cooperação do enunciatário para perceber o sentido que está atrás de suas palavras, para alargar o alcance de suas implicações não declaradas e para elaborar interpretações ressonantes, ou seja, ricas e complexas. Assim, as metáforas enfáticas e ressonantes são consideradas por M. Black fortes e aquelas que admitem

substituição em seu foco e cujo sentido não motiva ressonâncias são consideradas fracas.

Já se notou que a metáfora é uma atividade de apagamento, observa-se, agora, que este, do ponto de vista lingüístico, é duplo: primeiro, porque a palavra simboliza a realidade concreta do mundo físico que representa, mas não é essa realidade; segundo, porque essa palavra está deslocada ou transportada para um outro espaço semântico no qual se mostra incongruente. O deslocamento é motivado porque existe uma relação de similitude entre o termo usado no sentido próprio e o usado no sentido figurado. Na expressão, *o homem é um caniço pensante*, não há, por exemplo, a substituição da figura humana pela figura vegetal do caniço, mas a presentificação da interação da característica mais forte do caniço (ser mortal) com a característica mais forte desse homem (ser também mortal). Tal característica cria, contudo, tensão significativa porque, no jogo das equivalências cognitivas das palavras, *homem* e *caniço*, há a percepção do sentido próprio de suas imagens e, simultaneamente, no momento de sua enunciação, o *insight* de que uma delas, ao ser deslocada para o espaço de significação da outra, mostra-se incompatível com esse espaço e estrutura semântica e, por isso mesmo, por ser incompatível, torna-se compatível como pólo oposto da expressão que estaria congruentemente nesse espaço discursivo. A tarefa do imaginário é estruturar os pólos, conhecer e dinamizar a extensão, a pertinência e a lógica dessa polaridade, fundamentando e presidindo o processo da enunciação discursiva da metáfora.

G. Deleuze e F. Guattari (1992:259) afirmam que nós, homens, “*pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos*”. A estrutura pluridimensional, pluriespacial e atemporal da metáfora, explicitada pelo olhar das ciências que explicam a linguagem e o imaginário, revela que o processo metafórico é o efeito do desejo do Homem, não apenas de passar do sensível para o inteligível, mas de circular constantemente entre eles para alcançar o Conhecimento. Não seria, então, a criação da metáfora uma tentativa do Homem para, re-explicando o mundo através da dinamização de polaridades, chegar à ordem que o protegerá do caos?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BENVENISTE, E. (1966) *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 1991.
- BLACK, M. (1979) More about metaphor. In A. ORTONY (ed.) *Metaphor and thought*. N. York: Cambridge University, 1984.
- DELEUZE, G. & F. GUATTARI (1991) *O que é filosofia?* Rio: 34 Literatura, 1992.
- DURAND, G. (1960) *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- \_\_\_\_\_ (1994) *L'imaginaire*. Paris: Hatier.
- RICOEUR, P. (1978) O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: S. SACKS. *Da metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992.
- WUNENBURGER, J.-J. (1991) *L'imagination*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_ (1997) *Philosophie des images*. Paris: PUF.